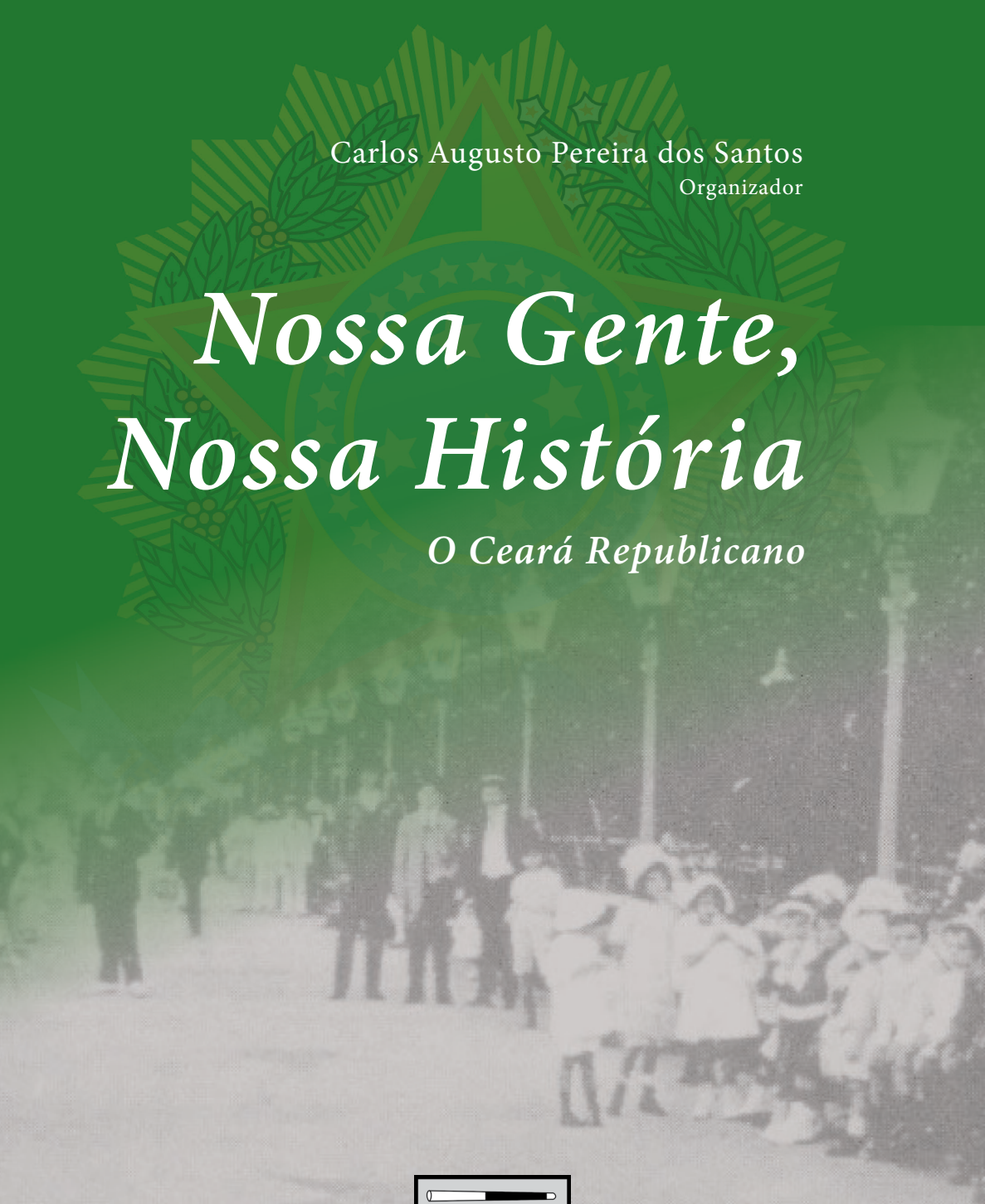
Carlos Augusto Pereira dos Santos
Organizador

Nossa Gente, Nossa História

O Ceará Republicano



Edições UVA

SERTÃO CULT

Carlos Augusto Pereira dos Santos
Organizador

Nossa Gente, Nossa História

O Ceará Republicano

Sobral-CE
2019

Edições UVA

SERTÃO CULT

Nossa Gente, Nossa História. O Ceará Republicano
© 2019 copyright by Carlos Augusto Pereira dos Santos (Organizador)
Impresso no Brasil/Printed in Brasil.
Efetuado depósito legal na Biblioteca Nacional.

Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1328
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222 / 9 9846.8222
sertaocult@gmail.com / mammarco@gmail.com

Conselho Editorial
Adriana Brandão Nascimento Machado
Carlos Augusto P. dos Santos
Isorlanda Caracristi
Nilson Almino de Freitas
Regina Celi Fonseca Raick
Telma Bessa Sales
Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico
Marco Antonio Machado

Revisão
Antonio Jerfson Lins de Freitas

Foto da capa
Passeio público, Fortaleza, 1919

Catalogação na publicação
Leolgh Lima da Silva – CRB3/967

Av. da Universidade, 850 - Campus da Betânia - Sobral - CE
CEP 62040-370 - Telefone: (88) 3611.6613

Filiada à
Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Reitor
Fabianno Cavalcante de Carvalho

Vice-Reitora
Izabelle Mont`Alverne Napoleão Albuquerque

Diretora das Edições UVA
Maria Socorro de Araújo Dias

Conselho Editorial
Maria Socorro de Araújo Dias (Presidente)
Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo
Ana Iris Tomás Vasconcelos
Carlos Augusto Pereira dos Santos
Claudia Goulart de Abreu
Eneas Rei Leite
Francisco Helder Almeida Rodrigues
Israel Rocha Brandão
Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque
Maria Adelane Monteiro da Silva
Maria Amélia Carneiro Bezerra
Maria José Araújo Souza
Maria Somália Sales Viana
Maristela Inês Osawa Vasconcelos
Raquel Oliveira dos Santos Fontinele
Renata Albuquerque Lima
Simone Ferreira Diniz
Tito Barros Leal de Ponte Medeiros
Virginia Célia Cavalcanti de Holanda

N785 Nossa gente, nossa história: o Ceará republicano. / Santos, Carlos Augusto Pereira. (Org.) - Sobral: Sertãocult; Edições UVA, 2019.
294p.

ISBN: 978-85-67960-25-8
ISBN: 978-85-9539-035-5
DOI: 10.35260/67960258-2019

1. Sertão. 2. Educação 3. Cultura.
I. Título. II. Santos, Carlos Augusto Pereira.

CDD 981.31

Sumário

Nossa História, Nossa Gente. À guisa de prefácio e apresentação / 5

Parte 1 - O sertão da água, da seca e da religião

1. "O rio é uma riqueza imensa": Usos e tradições sobre a importância da água no sertão de Santa Quitéria-CE (1960-1980) / 9
Maria Malena Paiva Mesquita

2. As mulheres e a seca: sobrevivência feminina em tempos de escassez em Varjota–CE (1980- 1990) / 19
Francisca Clédia Sousa de Oliveira

3. Os bastidores da seca: exploração dos trabalhadores nas frentes de serviço do Açude Araras, Varjota-CE (1951–1958) / 33
Letícia Rodrigues Gonçalves

4. Políticas públicas de combate à seca no município de Croatá-CE (1983-1996) / 45
Caubi Alves Braga
Naiane Nobre Martins

5. A seca e as obras de socorro no Ceará republicano (1889-1915) / 55
Pedro de Souza Filomeno Filho

6. Entre fanáticos e cassacos: a presença da Irmandade da Cruz nos sertões do norte do Ceará (1900-1903) / 65
Raimundo Nonato Fernandes

Parte 2 - O mundo do trabalho e da educação

7. "Se a gente fosse viver só de trabalhar pros outros a gente morria". Memórias da Casa Grande: moradores, rendeiros e agregados na cidade de Alcântaras-CE (1907-1920) / 85
Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara

8. "Depois foi que veio essa modernização": as transformações nos engenhos de cachaça artesanal em Alcântaras-CE (1960-2000) / 95
Adelina Lopes Guimarães

9. Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Coreaú-CE: criação e processo de organização (1965 a 1990) / 103
Sebastião Ferreira Carneiro

10. O Ensino de História e cultura indígena em Hidrolândia-CE: a Lei 11.645 de 2008 e os meios para uma descolonização da imagem do indígena / 119
Paulo Ênio de Sousa Melo

11. Práticas de combate ao analfabetismo no Ceará / 133
João Henrique Brito Lima

12. A Educação na República / 145
Natanael Lopes Alves

Parte 3 - Culturas e sociabilidades diversas

13. Historiografia e cinema: percepções da diversidade na sétima arte / 157
Vinícius Pereira de Sousa

14. Espaços de sociabilidades homoafetivas em Sobral-CE (1950-2018) / 175
Alan Silva de Morais

15. "Zé Maria mulher": representatividade e resistência umbandista em Sobral / 185
Antonio Tarciano Aragão Sousa

16. "Mas digo uma coisa, não é a gente que cura, mas sim Deus". Memórias de benzedeiras em Alcântaras–CE / 197
Maria Deiziane Lino

17. "Eu entrei nessa brincadeira quando eu era um menino". Memórias sobre o reisado groairense / 205
Raimundo Sousa Alves

18. Corpo em movimento, *Street Dance* e agências de patrimonialização cultural: uma experiência de pesquisa (Sobral-CE) / 221
Cleane dos Santos de Medeiros
Nilson Almino de Freitas

19. Ambivalências poéticas nas canções de Belchior – a ida e o regresso / 233
Francisco Sávio Barbosa do Nascimento

Parte 4 - Política e economia nas tramas do cotidiano

20. A Ação Integralista Brasileira (AIB) e sua influência no interior do Ceará: memórias do Integralismo em Ibiapina / 247
Odail José Martins Freire

21. A economia e seus impactos: Uma análise sobre Camocim (1930-1950) / 255
Valério Samaronni Morais de Queiroz

22. Emissoras de rádio de Camocim: o relacionamento com grupos políticos, cultura e comércio locais (1980-1989) / 261
Maely Alves de Mesquita

23. A história da República passa por aqui! Camocim-CE (1889-1950) / 273
Carlos Augusto Pereira dos Santos

Nossa Gente, Nossa História. À guisa de prefácio e apresentação

No semestre 2018.1, propusemos aos alunos da disciplina de História do Brasil III que escrevêssemos sobre a nossa gente, aquela que está mais próxima de nós, convivendo conosco ou mesmo um pouco distante num passado recente. A ideia era que se aproveitassem as pesquisas que estavam sendo feitas para a escrita dos seus respectivos TCC's e adaptássemos as temáticas para o período republicano, tempo que converge ao estudo da mencionada disciplina acima. Teríamos, portanto, uma espécie de painel do Ceará República, pelos temas levantados nas primeiras aulas. Poucos alunos tiveram de sair do seu raio de pesquisa para cumprir com o objetivo final – publicar um livro com os artigos dos alunos em fase final de curso.

Durante todo o semestre, tivemos a discussão de uma obra que nos serviu de guia e inspiração: *Histórias da Gente Brasileira.* Volume 3, República. Memórias (1889-1950), de autoria da historiadora Mary Del Priore. Foi uma experiência interessante, pois cada vez que as discussões eram estabelecidas, sentíamos que aquelas histórias contadas, no caso do terceiro volume, narradas pelo viés da memória, eram questões que nos diziam respeito, que já ouvíramos contar pelos nossos pais e avós.

Por outro lado, constatamos também que estávamos espacialmente longe dos exemplos contados nas diversas partes do livro referenciado. Apesar do fôlego e do abarcamento da obra empreendida por Mary Del Priore[1], o Nordeste e, especialmente o Ceará, pouco são citados. Logicamente que compreendemos os limites de um projeto editorial desta envergadura e da logística de pesquisa. Para nós, longe disso ser um aspecto desmotivador, ao contrário, fez com que, como se preenchêssemos uma lacuna, jogássemos todas as nossas forças na construção de histórias que representassem e contassem um pouco mais de nós.

O resultado foi a escrita de vinte e três artigos, divididos em quatro partes temáticas que podem ser conferidas no sumário e ao longo do livro. Portanto, empreendemos um mergulho no universo sertanejo, falando da alegria da chegada do inverno, do inferno da seca e das práticas religiosas que beiram o fanatismo (Parte 1). Adentramos no mundo do trabalho e esticamos a jornada para compreendermos os projetos e propostas de escolarização e educação do nosso povo (Parte 2).

[1] *Histórias da Gente Brasileira* é um projeto editorial escrito pela historiadora Mary Del Priore que cobre os diversos períodos da História do Brasil. Volume 1 – Colônia, Volume 2 – Império, Volume 3 – República (1889-1950) e Volume 4 (1950-2000), publicados pela Editora LeYa, 2017.

Por outro lado, foi necessário falarmos da diversidade cultural que nos caracteriza. O que tem em comum o universo *queer* no cinema e as sociabilidades homoafetivas no espaço citadino? O que um pai de santo e um conjunto de mulheres rezadeiras podem nos dizer sobre a prática da cura? Quais são as fronteiras culturais entre dançadores de reisado, jovens bailarinos da periferia e a obra do cantor Belchior? São interrogações que poderão ser respondidas, ou não, lendo-se o conjunto de artigos da Parte 3. Finalizando, como a política e a economia interferem no cotidiano de uma cidade? É o que os autores propõem discutir na Parte 4, evidenciando as características singulares na história dos municípios de Ibiapina e Camocim.

Um último aviso ao leitor. Os textos aqui reunidos são de alunos em formação, mesmo estando em fase final de conclusão de curso. Expressam, portanto, suas trajetórias acadêmicas dentro de seus limites e potencialidades e devem ser entendidos e compreendidos dentro dessa dimensão. Como organizador, procurei interferir o mínimo no processo de orientação da escrita e incentivei que eles dividissem os processos de escrita com seus orientadores. Daí que, a maioria dos textos, já serem partes de suas monografias ou artigos finais de curso.

Dizer, finalmente, que foi gratificante compartilhar saberes e ensinamentos com todos vocês, por isso o faço nominalmente: *Maria Malena Paiva Mesquita, Franscisca Clédia Sousa de Oliveira, Letícia Rodrigues Gonçalves, Caubi Alves Braga, Naiane Nobre Martins, Pedro de Souza Filomeno Filho, Raimundo Nonato Fernandes, Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara, Adelina Lopes Guimarães, Sebastião Ferreira Carneiro, Paulo Ênio de Sousa Melo, João Henrique Brito Lima, Natanael Lopes Alves, Vinícius Pereira de Sousa, Alan Silva de Morais, Antonio Tarciano Aragão Sousa, Maria Deiziane Lino, Raimundo Sousa Alves, Cleane dos Santos de Medeiros, Francisco Sávio Barbosa do Nascimento, Odail José Martins Freire. Valério Samaronni Morais de Queiroz e Maely Alves de Mesquita.*

Boa leitura a todos!

Carlos Augusto Pereira dos Santos (Org.)

Camocim, outubro de 2018.

Doi: 10.35260/67960258-p.255-259-2019

21. A economia e seus impactos: Uma análise sobre Camocim (1930-1950)

Valério Samaronni Morais de Queiroz[1].

Introdução

A cidade de Camocim, situada na região norte do Ceará, é marcada por suas belezas naturais e artificiais que a cada dia passa a se exaltar pelas prenúncias de seu passado. Marcada pelo tempo onde, com o fim do porto e da estação ferroviária, teve seu declínio na economia. Tudo passa, mas as memórias ficam e dão a dimensão de que houve muitos lugares onde hoje há descaso.

Uma viagem ao passado próspero de uma cidade litorânea que teve suas principais bases econômicas removidas, porém, percebendo o lado bom das coisas, pois nem sempre temos um ponto final nos fins, mas novos recomeços. Entender o que aconteceu pode explicar o que somos hoje e desencadear um novo entendimento sobre a realidade, novos caminhos que podemos utilizar para tirar uma base sobre o passado para seguir, pois para voltar a prosperar basta começar a caminhar.

Quem não conhece sua casa pode se perder dentro de seu quarto, muitos buscam compreender a história que existe nos livros e se prendem em uma linha eurocêntrica, acabam perdendo a beleza de sua própria história. O fim do porto e da estação ferroviária não finda a história da cidade, porém, faz necessária a busca por novos meios de arrecadar renda para a população. Melhor conhecer e entender o que somos atualmente, como chegamos economicamente até aqui. Camocim pode ser lembrada por ser a cidade do "já teve", porém faz-se necessário montar um quadro temporal econômico da cidade. Para isso, toma-se como fonte para um debate historiográfico e melhor compreensão desse problema a obra *Entre o porto e a Estação*, do historiador Carlos Augusto Pereira dos Santos, da cidade de Camocim.

Todo pesquisador tem uma fonte inspiradora e referencial, seguiremos aqui a trilha proposta pelo historiador Marc Bloch em "Apologia ***à*** História ou o Oficio do historiador" (BLOCH, 2003). Ele, com seu novo modo de pensar sobre a história, nos emite nesse ar inovador grandes pensamentos

[1] Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual Vale do Acaraú–UVA.

que nos levam a uma nova corrente metodológica e a novos pensamentos do real oficio do historiador. "Diz-se algumas vezes: 'A história é a ciência do passado.' É [no meu modo de ver] falar errado." Nesta frase, percebe-se como ele valorizava muito seu modo de pensar e como desenvolveu a compreensão do real ato historiador. A história de Camocim nos fala até hoje, grita em cada monumento histórico os resíduos de uma economia grande, porém sem investimento e frágil diante das mudanças nacionais.

Na obra "Entre o Porto e a Estação: Cotidiano e Cultura dos Trabalhadores Urbanos de Camocim-Ce. 1920-1970", o Prof. Dr. Carlos Augusto Pereira dos Santos, usando a experiência das pessoas que vivenciaram a realidade do porto, nos transporta em uma leitura clara e agradável para uma realidade fascinante onde torna-se fácil compreender os motivos que fizeram Camocim ter sido tão importante para o desenvolvimento do estado. A realidade dos trabalhadores nos mostra como a economia circulava apenas com o porto e estação, a pesca também tinha grande importância, mas como na época tanto a matéria prima como a mão de obra eram baratas, não tinha grande destaque. O autor ainda destaca que entre esse eixo porto-estação circulava muito mais que a economia da cidadela, mas também pessoas e culturas, graças à permissão que homens de todos os lugares tinham para aportar em nossas terras. Havia grande efervescência no entra e sai que estes transportes promoveram no período analisado.

> Recuperemos um pouco da trajetória do Porto de Camocim na historiografia como este espaço de afirmação do mundo do trabalho na região. Se nos detivermos nos relatos produzidos, começaremos a perceber que a região, desde o século XVII, já vinha sendo objeto de incursões de franceses e, mais tarde, holandeses, que disputavam com os portugueses, em intervalos curtos, a simpatia dos índios e as riquezas da região. Nas expedições exploratórias desses aventureiros, é comum a citação dessas potencialidades, já prenunciando uma pretensão de conquista, consubstanciada na intenção e até na efetiva construção de fortificações na costa da região, especialmente, franceses e holandeses, usando para isso o argumento da viabilidade dessas empreitadas[2].

A presente obra faz-se conhecer mais da temática, mesmo havendo necessidade de mais detalhes sobre os fatos que ocasionaram as mudanças econômicas em Camocim-CE.

Um relato breve, uma célebre obra, ou uma instigante historiografia sobre as glórias da cidade, nos desperta a pensar que já vivemos as "glórias do

[2] In: SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. *Entre o Porto e a Estação*: cotidiano e cultura dos trabalhadores urbanos de Camocim-CE. 1920-1970. UFPE/CFCH. Recife, 2008. Tese de Doutorado, p. 89.

passado" e que muitos dos jovens não conhecem, e muito menos entendem, o motivo de sermos o que somos.

Um breve traçado sobre a economia de Camocim

Jacques Le Goff, historiador das mentalidades e renomado medievalista francês, traz ideias sobre os conceitos de memória e história de grande valia. Em seu livro "História e Memória" , me leva a ter uma nova maneira de compreender minha maior fonte, o povo. O homem é fruto de seu tempo e, dessa maneira, ***só se pode entender o que aconteceu no passado com as pessoas que vivenciaram e sentiram na pele a realidade do auge e a queda da economia de Camocim***. Le Goff define: "A distinção entre passado e presente é um elemento essencial da concepção do tempo. É, pois, uma operação fundamental da consciência e da ciência históricas."[3]

Os interesses externos foram os responsáveis pelo fim do porto e estação. Os únicos seres que podem falar do passado com um pouco de verdade são aqueles que presenciaram os fatos e levam em suas lembranças o tesouro para os novos tempos, nada tão sublime como descobrir sua origem através de bons diálogos e se deparar com coisas que não existem mais. Apenas imaginar e não poder sentir o que aconteceu, o cérebro produz tantas substâncias quando pensamos, forte em algo, o passado sempre nos traz grandes inquietações e algumas delas não podem ser resolvidas.

Ainda sobre o livro de Le Goff, relacioná-lo à análise de Pierre Nora em *Entre Memória e História*, sobre as nuances do "estudar a história da História" , tornam-se valorosas também a fim de que, com elas, é possível refletir sobre uma relação ainda mais profunda destes espaços físicos e temporais com os sujeitos que os construíram.

A cidade de Camocim passou por vários ciclos na economia, mas o que mais trouxe crescimento foi o porto e estação ferroviária, esse período trouxe muito mais que crescimento econômico, como também visibilidade. E esse momento de ascensão do porto trouxe pessoas de todos os lugares, isso influenciou para as indústrias que aqui aportaram.

No Brasil, a ferrovia proporcionou transformações na economia, no cotidiano de muitos que viram nesse novo lugar uma oportunidade de conseguir renda, e vale ressaltar que a cidade girava em torno desse lugar por ser de onde vinham as mercadorias e compradores. Foi um alívio para o tesouro nacional, tendo em vista a entrega para a iniciativa privada, como mostra Mary Del Priore:

[3] In: LE GOFF, Jacques Le. *História e Memória*. Campinas, UNICAMP, 1990, p. 179.

> O início do século XX assistiu à sua expansão. Em 1907, o presidente Campos Sales se declarou a favor do que hoje chamamos de privatização. Em pronunciamento, alegou que não havia vantagens em manter ferrovias sob a administração pública. Para alívio do Tesouro Nacional, melhor entrega-las à iniciativa privada[4].

A empresa responsável pela linha que ligava Camocim às outras cidades era a RFFSA, o com**é**rcio era feito pela linha férrea dessa empresa e, nesse período, houve um auge na economia, quando eram transportados vários produtos vindos através do porto de outros países e sendo distribuídos pelo porto de Camocim, esse ciclo foi bem lucrativo pelo fato de Camocim ser o centro comercial, tanto é que um dos produtos que muito passaram por aqui destaca-se o algodão.

> Quase um ano após à Revolução de 1930, o chamado Governo Revolucionário de Vargas procurou disciplinar os serviços de exportação de produtos agrícolas, que passaram a ser melhor inspecionadas e classificadas. Neste sentido, um decreto editado em agosto de 1931 reformulava a exportação do algodão, um dos produtos mais importante da pauta econômica da época[5].

Esse momento de privatização trouxe real crescimento para a cidade, a empresa responsável por arrendar a linha férrea de Camocim foi a South American Railway:

> O ramal de Camocim originalmente foi o trecho inicial da E. F. do Sobral (Camocim-Sobral), aberto nos anos 1881 e 1882. Em 1909, toda a E. F. de Sobral foi juntada com a E. F. de Baturité para se criar a Rede de Viação Cearense, imediatamente arrendada à South American Railway[6].

A ferrovia ajudou no transporte de algodão, que era produto de grande exportação, o com**é**rcio crescia cada vez mais nessa área e a**í** temos um tempo áureo na cidade, que durou somente no período no qual a estação funcionava. O porto já não funcionava na mesma intensidade de antes, as dunas da ilha do amor estavam aterrando o rio e dificultando a entrada de grandes navios.

---

4 DEL PRIORE, Mary. *Histórias da gente brasileira*. Memórias (1889-1950). Vol.3. Rio de Janeiro: LeYa, 2017, p. 232.

5 http://camocimpotedehistorias.blogspot.com/2017/09/vi-i-setembro-camocimvi-exportacao-de.html. Acesso em: 15 out. 2018 às 18h22.

6 http://www.estacoesferroviarias.com.br/ce_sobral/camocim.htm. Acesso em: 15 out. 2018 às 18h25.

Considerações finais

Em 24 de Agosto de 1977, o trem faz sua última viagem de saída da cidade de Camocim, assim finda o ramal e as lembranças ficam vivas no povo que estava lá para se despedir. 17 anos atrás foi feito um movimento que ainda conseguiu segurar o ramal, porém, dessa vez não deu certo e a população apenas se uniu para dar seu último adeus. A partir desse momento, a cidade começa a declinar na economia, o que um dia foi o centro comercial do estado, agora acaba perdendo a vez. Assim se resguarda apenas com a história e memória de tempos áureos.

A ferrovia foi de grande importância para economia camocinense, colocando a cidade dentre as mais importantes do estado, esse período de glória trouxe um termo a cidade como terra do "já teve", já não há mais porto ou estação, somente boas lembranças desse período. O que mostra começar certo crescimento na cidade é o turismo, que após muito tempo tem ressurgido com investimentos privados nas praias que são tão belas, talvez esse seja o prenúncio para um novo período de glória.

Autores desta obra

Maria Malena Paiva Mesquita, ***Francisca Clédia Sousa de Oliveira****, Letícia Rodrigues Gonçalves,* ***Caubi Alves Braga****, Naiane Nobre Martins,* ***Pedro de Souza Filomeno Filho****, Raimundo Nonato Fernandes,* ***Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara****, Adelina Lopes Guimarães,* ***Sebastião Ferreira Carneiro****, Paulo Ênio de Sousa Melo,* ***João Henrique Brito Lima****, Natanael Lopes Alves,* ***Vinícius Pereira de Sousa****, Alan Silva de Morais,* ***Antonio Tarciano Aragão Sousa****, Maria Deiziane Lino,* ***Raimundo Sousa Alves****, Cleane dos Santos de Medeiros,* ***Nilson Almino de Freitas****, Francisco Sávio Barbosa do Nascimento,* ***Odail José Martins Freire****, Valério Samaronni Morais de Queiroz,* ***Maely Alves de Mesquita****, Carlos Augusto Pereira dos Santos*

Nossa Gente, Nossa História é o resultado da escrita de vinte e três artigos, divididos em quatro partes temáticas que podem ser conferidas no sumário e ao longo do livro. Portanto, empreendemos um mergulho no universo sertanejo, falando da alegria da chegada do inverno, do inferno da seca e das práticas religiosas que beiram o fanatismo (Parte 1). Adentramos no mundo do trabalho e esticamos a jornada para compreendermos os projetos e propostas de escolarização e educação do nosso povo (Parte 2).

Por outro lado, foi necessário falarmos da diversidade cultural que nos caracteriza. O que tem em comum o universo *queer* no cinema e as sociabilidades homoafetivas no espaço citadino? O que um pai de santo e um conjunto de mulheres rezadeiras podem nos dizer sobre a prática da cura? Quais são as fronteiras culturais entre dançadores de reisado, jovens bailarinos da periferia e a obra do cantor Belchior? São interrogações que poderão ser respondidas, ou não, lendo-se o conjunto de artigos da Parte 3. Finalizando, como a política e a economia interferem no cotidiano de uma cidade? É o que os autores propõem discutir na Parte 4, evidenciando as características singulares na história dos municípios de Ibiapina e Camocim.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-9539-035-5
9 788595 390355